

## Relatos de viagem no medievo: análise de uma perspectiva muçulmana

AQUINO, Israel Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo analisar um excerto dos relatos de viagens do viajante Ibn Battuta, que durante o século XIV percorreu as extensas dimensões do mundo muçulmano, deixando registradas suas experiências. Esses relatos, ou *rihlas*, eram textos que em sua origem possuíam um caráter religioso, mas que com o tempo foram se consolidando como uma forma tradicional de registrar as viagens, tornando-se uma vertente destacada dentro desta cultura, que mesclava aspectos históricos e literários. Pretende-se, através do estudo destas fontes, perceber como a visão de mundo deste viajante permite a aproximação e compreensão acerca dos hábitos e costumes de seu ambiente e sua época. Buscamos responder as questões apresentadas por meio da realização de uma pesquisa analítica, empreendida através do estudo da fonte, além de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Ainda, com o auxílio da bibliografia complementar, busca-se discutir como diferentes fontes históricas – no caso, os relatos de viagem - podem contribuir para a construção e ampliação do conhecimento. O estudo conclui pela importância que podem desempenhar as diversas fontes históricas com que nos deparamos em nossa atividade, desde que saibamos encará-las sempre com uma visão crítica e capaz de extrair o melhor desta, aproveitando as diferentes oportunidades que elas nos oferecem.

**Palavras-Chave:** Relatos de viagem; Representação do mundo; Ibn Battuta.

## Historias de viajes en la edad media: análisis de la perspectiva musulmán

**Resumén:** Este estudio tiene como objetivo analizar un extracto de las cuentas de los viajes de lo viajero Ibn Battuta, que durante el siglo XIV recorrió las amplias dimensiones del mundo musulmán, dejando sus experiencias registradas. Estos informes, o *rihlas*, eran textos que en su origen tenían un carácter religioso, pero con el tiempo se han consolidado como una forma tradicional de registrar los viajes, convirtiéndose en un cobertizo adosado dentro de esta cultura que mezclaba aspectos históricos y literários. Se pretende, a través del estudio de estas fuentes, ver cómo esta visión del mundo deste viajero permite el acercamiento y la comprensión de los hábitos y costumbres de su entorno y su tempo. Buscamos responder a las preguntas planteadas a través de la realización de una investigación analítica, llevado a cabo mediante el estudio de la fuente , y una revisión de la literatura sobre el tema. Aún así, con la ayuda de bibliografía complementaria, tenemos por objeto analizar cómo las diferentes fuentes históricas - en este caso, las cuentas de viaje - pueden contribuir a la construcción y ampliación de lo conocimiento. El estudio llega a la conclusión de la importancia que puede representar las distintas fuentes históricas que nos enfrentamos, cuando las enfrentamos siempre con una visión crítica y capaz de hacer lo mejor de ella, aprovechando las distintas oportunidades que nos ofrecen.

---

<sup>1</sup> Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Funcionário técnico-administrativo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: israel.aquino@gmail.com

**Palabras-Clave:** Historias de viaje; Representación del mundo; Ibn Battuta.

## **RELATOS DE VIAGEM NO MEDIEVO: ANÁLISE DE UMA PERSPECTIVA MUÇULMANA**

A cultura islâmica sempre foi fonte e expoente cultural importante, influenciando fortemente as sociedades tanto do oriente como do ocidente. Dotada de grande capacidade de adaptabilidade e de uma igualmente grande vitalidade cultural, esta civilização soube preservar e renovar as diversas contribuições e saberes herdados de diferentes culturas, permitindo que estes chegassem até nós através de diferentes instrumentos de comunicação, dos quais a escrita foi sem dúvida um meio privilegiado.

O presente trabalho tem por objetivo analisar um excerto dos escritos do viajante Ibn Battuta, que durante o século XIV percorreu as extensas dimensões do mundo muçulmano, deixando registradas suas experiências. Pretende-se, através do estudo destas fontes, perceber como a visão de mundo deste viajante permite a aproximação e compreensão acerca dos hábitos e costumes de seu ambiente e sua época.

Ainda, com o auxílio da bibliografia complementar, busca-se discutir como diferentes fontes históricas – no caso, os relatos de viagem - podem contribuir para a construção e ampliação do conhecimento.

## **A EXPANSÃO DOS HORIZONTES MEDIEVAIS**

As viagens e deslocamentos ao longo da Idade Média tiveram presença bastante difundida, envolvendo uma série de motivações e os mais diversos protagonistas. Ao analisar relatos de viagem do final da Idade Média, o professor Paulo Lopes, do Instituto de Estudos Medievais de Portugal (IEM), aponta que o homem medieval viajou mais do que se acreditava, embora a problemática histórica da viagem medieval normalmente seja colocada em segundo plano, devido ao medievo ser considerado um período predominantemente rural, no qual a debilidade das relações urbanas e comerciais não favorecia os deslocamentos (LOPES, 2006, p. 02).

Contudo, parece-nos que esta prática assumia, então, uma função distinta da noção de viagem que temos na contemporaneidade, configurando-se como uma

experiência arriscada, que exigia daqueles que a empreendiam uma renúncia voluntária, uma disposição ao exílio e ao perigo. Numa civilização de base rural e de poucos recursos tecnológicos, a viagem poderia significar uma ruptura mais ou menos longa com o cotidiano e a segurança oferecidos pela comunidade de origem do viajante (Idem, p. 03).

A viagem em si era vista como uma provação, um perigo e uma fonte de sofrimento, e ao mesmo tempo como um exílio. Isso é demonstrado quando observamos a própria origem etimológica dos termos ligados a essa prática durante a Idade Média. A expressão *peregrinatio*, por exemplo, que designa a peregrinação ritual tão comum no final desse período, surge primeiramente com o significado de exílio, expatriamento (SOT, 2002, p. 354). Apenas no século XII o termo viria a adquirir o sentido de viagem religiosa (GONÇALVES, 2010). Já o inglês *travel*, originário de *travail* (trabalho), se origina no latim *tria palus*, com significado literal de sofrimento (NETO, 1988, p. 179). Paul Zumthor (2003, p. 166) indica estudos que apontam que um viajante europeu em viagem ao Extremo Oriente tinha cerca de 30% de chances de retornar a sua origem. E não eram escassos os fundamentos dessa percepção: frio, fome, sede, acidentes geográficos como rios, montanhas e desertos, doenças, assaltos, conflitos, falta de boas acomodações, falta de informações, falta de recursos: esses eram alguns dos percalços que atingiam os viajantes. E havia ainda uma série de perigos imaginados na fértil *Mirabilia* da época, como monstros, demônios e gênios do deserto (Idem).

Como tentativa de prevenção contra a série de possíveis dificuldades, os viajantes adotavam o hábito de viajar em grupo, além de escolher cuidadosamente o período mais propício para iniciar sua empreitada (LOPES, 2006, p. 03; HENRIQUE, 2009).

As motivações para estas viagens eram de ordem diversa, embora seja possível afirmar que o comércio cumpriu, sem dúvida, um papel de relevo (PALAZZO, 2011, p. 56), da mesma forma como mais tarde também o fizeram as peregrinações, temática que viria a se incorporar na tradição não apenas do cristianismo, mas de outras religiões como o hinduísmo, o budismo e o Islã (ZUMTHOR, 1993, p. 178; MACEDO, 2011, p. 18). Envolvidos nesses processos de deslocamento encontravam-se também emissários, mercadores, missionários, imigrantes, embaixadores civis e religiosos, cruzados, aventureiros, peregrinos, artistas, estudantes. Desde a Antiguidade, e atravessando a Idade Média, diversas

rotas foram abertas e percorridas, por terra e por mar, e o homem pôde, aos poucos, alargar seus horizontes e conhecer cada vez mais do mundo que o rodeava.

É interessante notar que os viajantes ocidentais cumpriram, durante muito tempo, um papel secundário nesse processo. Até o século XII, o cristianismo se identificava com a Europa, enquanto outros mundos existiam fechados sobre si mesmos, em realidades que se ignoravam mutuamente (MACEDO, 2011, p. 13; ZUMTHOR, 1993, p. 145). A Ásia era, por excelência, a zona do desconhecido, onde se encontravam a maioria das referências à *Mirabilia*, o que a tornava um lugar quase fictício, genericamente denominado como as “Índias” (ZUMTHOR, 1993, pp. 254-255). Por outro lado, subsistiam histórias das invasões dos povos nômades, revividas durante o século XIII a partir do contato com os povos das estepes asiáticas. Combinadas às crônicas dos viajantes que se aventuravam pelo desconhecido, estas criavam no coletivo a ideia básica do “*homo viator*”, um dos temas literários mais constantes na tradição medieval: o homem viajante, o homem do caminho, o nômade, exercia fascinação sobre aquele que permanecia, sobre o sedentário, e os relatos das viagens costumavam despertar grande interesse e curiosidade entre a população (Idem, pp. 160-165).

Finalmente, as motivações de ordem religiosa estavam também ao lado do comércio como causa importante na origem destas viagens, mas ganham força no período estudado, refletindo uma transformação nas concepções religiosas de então, representada, entre outros, por dois fatores que contribuem de forma decisiva para a expansão dos horizontes ocidentais e da própria cristandade latina: primeiro, a consolidação da prática da peregrinação no cristianismo ocidental, ritual religioso que levava os fiéis a empreenderem longas jornadas em busca da aproximação com o elemento divino, através da visita aos lugares santos e da busca por relíquias sagradas, sendo os principais destinos Meca, Roma, Compostela e Jerusalém (ZUMTHOR, 1993, p. 184).

## **O RELATO DE VIAGEM ENQUANTO CATEGORIA E OBJETO DE ANÁLISE**

Os relatos de viagem eram textos deixados por viajantes que tentavam dar conta de descrever suas experiências e narrar os acontecimentos de seu percurso. A importância desses relatos reside, em primeiro lugar, no fato destes serem, muitas vezes, um registro único deixado para a posteridade, o único vestígio existente das experiências vividas e dos acontecimentos presenciados por estes personagens.

Configurando-se como um gênero diversificado, esses textos davam conta de transmitir uma série de informações sobre os lugares e povos visitados para os contemporâneos daqueles viajantes, e significam hoje para nós uma importante fonte de aproximação com as crenças, percepções, ideias e o cotidiano dos homens que empreendiam tais jornadas.

No entanto, o estudo dos relatos de viagem enquanto fonte de pesquisa histórica costuma apresentar certa resistência, devido à própria natureza destes escritos. Como aponta Maria Cândida Almeida, a historiografia tradicional costuma discriminar esses relatos como textos literários, ficcionais (ALMEIDA, 2005, p. 86), desprovidos mesmo de verdade histórica, condenando estes documentos a um longo período de ostracismo dentro da perspectiva das ciências históricas. Essa é uma realidade que apenas recentemente começa a se modificar. Os próprios relatos em si inserem-se dentro de um gênero de escrita muito particular, o de literatura de viagem, implicando numa difícil distinção da natureza desses textos, entre o literário e ficcional e o histórico (MACEDO, 2011, p. 19).

A principal razão para a resistência imposta a estas fontes reside na própria herança que estas trazem consigo da cultura e do contexto em que foram produzidos. A *Mirabilia*, a explicação do mundo pelo maravilhoso, elemento tão presente na Idade Média, é um fator constante nos relatos dos viajantes que durante os séculos do medievo atravessaram continentes. Mesmo os relatos ditos “reais” estão repletos de fantasias, enquanto encontramos passagens que podem ser confirmadas através do cruzamento com outras referências históricas, por vezes, em textos de caráter literário (LOPES, 2006, p. 04), tornando penoso o trabalho do pesquisador que se aventura a debruçar-se sobre este tema. As descrições de viagem costumavam mesclar observações empíricas com relatos míticos, justapondo os dois.

Acerca das características desses documentos, os chamados livros de viagem formam um gênero multifacetado, nos quais se destaca, principalmente, a descrição do mundo urbano; prevalece também o discurso literário, oferecendo, porém, uma visão de mundo bastante clara sobre a Idade Média, fazendo desta uma “fonte incontornável para compreender aspectos muito diversos da cultura medieval” (Idem). Maria Cândida Almeida (2005, pp. 84-85), descreve o relato como um gênero ambíguo que reúne distintos tipos de texto, com o objetivo de divulgar a fé, noticiar expedições, dar informes políticos e econômicos, fazer descrições geográficas, etc.

Os elementos definidores desse gênero textual assentam-se, basicamente, na presença de um itinerário, que por sua vez se superpõe a uma ordem cronológica que dá conta do desenvolvimento da viagem. Os pontos centrais do texto estão normalmente ligados à descrição dos espaços urbanos e aos relatos das experiências vividas pelos viajantes, além de abundarem as digressões de caráter social, moral, religioso e especialmente as referentes à *Mirabília*, como já citamos (ALMEIDA, 2005, p. 85; LOPES, 2006, p. 04).

A redação destes textos normalmente estava associada, para além de um objetivo mais imediato – como relatar uma viagem a uma autoridade superior, por exemplo –, a uma função didática desempenhada pelos textos na sociedade de então. Conforme aponta Susani França, os livros na Idade Média cumpriam uma função de manter as tradições e servir de aporte pedagógico na formação das elites da nobreza e do clero, que eram basicamente os setores que tinham acesso a esse tipo de artefato (FRANÇA, 2006, pp. 52-56). Essa função educativa poderia ser construída a partir de analogias, da idealização de valores e princípios, bem como através da utilização de elementos sobrenaturais, representados pelo maravilhoso. Os personagens dos contos, das crônicas e dos relatos assumiam um papel icônico ao serem propostos como exemplos a serem seguidos, destacando-se nesse caso o exemplo da literatura religiosa, como era o caso das hagiografias (FERRARI, 2001, p. 16). Nesse sentido, o passado e a história eram utilizados dentro de uma concepção utilitária, que visava preservar o passado e ao mesmo tempo moldar o presente e projetar o futuro (FRANÇA, 2006, p. 141).

## **OS RELATOS DE IBN BATTUTA**

A figura dos viajantes era parte constitutiva da cultura muçulmana, conforme aponta Simone Bissio (BISSIO, 2009, p. 77). Para estes homens, ela possuía uma dupla finalidade: além de uma expressão religiosa, constituía uma forma de expansão do saber. No plano religioso, esta idéia estava assentada na peregrinação ritual à cidade de Meca, um dos cinco pilares de sua crença e obrigação de todos aqueles que partilhavam desta fé. Por outro lado, as viagens através de diferentes regiões eram também uma oportunidade singular de ampliar conhecimentos, vindo a tornar-se uma condição obrigatória para todos aqueles que buscavam o reconhecimento social por seus estudos e erudição, valores muito estimados na cultura muçulmana.

A associação entre viagens e conhecimento remonta aos primeiros séculos da organização da sociedade islâmica, época em que especialistas religiosos percorreram o império com o objetivo de recolher testemunhos e informações acerca da vida e obra de seu profeta, que viriam a constituir a base da legislação e ética muçulmana, juntamente com o Corão. Com o passar do tempo e a sistematização desses conhecimentos, essas viagens passaram a ser associadas à ampliação dos saberes e acabaram incorporadas a essa cultura. Dessa forma, pode-se verificar que neste período, fosse por motivações culturais ou religiosas, a sociedade islâmica permaneceu em constante movimento. Nesse contexto, os relatos de viagens surgem com uma forma de registrar impressões e ampliar os conhecimentos dessa sociedade em relação a si mesma.

Esses relatos de viagens, que hoje conhecemos como *rihlas*, eram textos que em sua origem possuíam um caráter religioso (relatos de peregrinações religiosas), mas que com o tempo foram se consolidando como uma forma tradicional de registrar estas viagens, tornando-se uma vertente literária destacada dentro desta cultura, que mesclava aspectos históricos e literários. Acabou assumindo papéis diversos, entre eles de obra literária, histórica, geográfica, filosófica, entre outras.

Shams ad-Din Abu Abd Allah Muhammad ibn Muhammad ibn Ibrahim al-Luwati at-Tanyi, mais conhecido como Ibn Battuta, foi um viajante e explorador berbere, nascido em Tânger a 17 de rajab do ano 703 da Hégira, correspondente a 25 de fevereiro de 1324, e falecido em 1377. Ibn Battuta foi uma figura sempre associada a viagens dentro do universo muçulmano (BISSIO, 2009, p. 72). Em sua obra, deixou registrados os relatos de suas diversas epopéias, em que percorreu uma extensa parte do mundo islâmico.

Os relatos de Ibn Battuta estão repletos de dados históricos e de pormenores das instituições sociais, da cultura em geral, com observações geográficas, urbanas e rurais, detalhes etnográficos e folclóricos, bem como das complexidades econômicas dos povos visitados. Nestes textos, podemos encontrar diversos aspectos da vida desse povo, que permeiam toda a narrativa dessas viagens: religião, economia, cultura, entre outros, são aspectos que se destacam na narrativa, permitindo-nos compreender melhor a maneira como se constituía essa sociedade. Como qualquer outro relato do tipo, suscitam questionamentos sobre seu caráter de texto histórico ou literário; no caso dos textos de Ibn Battuta, parece-nos

possível que estes tenham sido redigidos por uma terceira pessoa – que poderia ser seu acompanhante ou secretário –, talvez também em um período posterior, hipótese reforçada pelas citações que surgem ao longo do texto, como se estivessem expressando uma expressão literal do autor, diferenciadas do restante da narrativa.

O relato sobre o qual nos debruçaremos neste trabalho trata especificamente de uma passagem de Ibn Battuta pela região norte da África, onde se destaca sua visita ao Império Mali. O Império do Mali foi um Estado que existiu na África Ocidental entre as décadas de 1230 e de 1600, aproximadamente, atingindo notável desenvolvimento econômico e cultural, e que adotou a fé islâmica como crença oficial, mantendo, porém, aspectos rituais de culturas antigas que produziam um contraste interessante, conforme nos relata Ibn Battuta em seu texto.

## **O ISLÃ – A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE MUÇULMANA**

Os relatos de viagem analisados mostram com clareza a importância desempenhada pela crença nessa sociedade, que era fundamentalmente religiosa. De fato, o islamismo desempenhou papel fundamental na formação da sociedade muçulmana, como fator de coalizão social e cultural. A fé foi um fator fundamental e determinante na construção da postura dessa sociedade em relação a outras, bem como em relação a si própria.

Assim, vemos presentes no texto diversos aspectos relacionados à vida religiosa dessa sociedade, que chegam até nós através das palavras desse viajante. A função ritual das viagens, a importância da peregrinação a Meca, a presença da oração em diferentes momentos do dia, a constituição de um calendário baseado na cultura religiosa, a menção constante de seu deus e seu profeta, todos estes são aspectos que demonstram com clareza que nosso viajante tratava-se de um homem bastante religioso. Mas, mais do que isso, demonstram também a importância que tinham esses ritos e costumes no cotidiano dessa sociedade.

Destaca-se na narrativa a importância da peregrinação à cidade sagrada de Meca, pilar constituinte da crença islâmica. De fato, este parece ter sido um fator crucial nas motivações de nosso protagonista, que ao que tudo indica teve nesta viagem ritual a gênese de suas aventuras. Da mesma forma, ao descrever as pessoas com quem teve contato durante sua viagem, o autor sempre destaca aquelas que fizeram a peregrinação, usando essa informação como elemento

constitutivo na descrição de suas personalidades, permitindo que de certa forma ele possa classificá-las no que tange à perspectiva religiosa. De seu contato com um xeque marroquino, o viajante legou o seguinte relato:

Disse o xeque Abú Abdalah: sai de Tanger<sup>2</sup>, onde nasci, na quinta 2 do Rajab, mês do senhor, do ano de 725<sup>3</sup>, com o objetivo de peregrina até a Casa Santa<sup>4</sup>, e de visitar o sepulcro do Enviado de Deus<sup>5</sup>, sozinho, sem companheiro [...] nem caravana [...], mas movido por uma firme decisão em minha alma e porque a ânsia de ir até aqueles nobres santuários inundava meu peito. Me decidi, então, pela resolução de abandonar a meus amigos e amigas, e deixei minha pátria como os pássaros deixam o ninho. (BATTUTA, 1987, p. 100)<sup>6</sup>.

Aspecto interessante a ser destacado no texto é o impacto cultural causado pela confrontação dos valores ortodoxos que impregnavam a personalidade de nosso viajante com a miscelânea cultural que o mesmo encontrou na sociedade Mali, fruto de uma combinação de valores herdados de culturas antigas com a crença e a cultura muçulmana, o que demonstra a pluralidade cultural que podia ser encontrada no vasto território do império muçulmano, apesar da unidade encontrada na fé. Esse aspecto se refletia em outras esferas, para além dos hábitos religiosos, e será retomado mais adiante neste trabalho.

## **ECONOMIA E URBANISMO**

A sociedade islâmica diferia essencialmente das sociedades ocidentais que lhe eram contemporâneas por se tratar de uma civilização urbana e comercial, sobretudo. Assim, estas formas de organização social e econômica permitiram o surgimento de diversos centros urbanos, que ao longo dos anos evoluíram para importantes cidades do oriente medieval. Da mesma forma, o comércio, enquanto relação econômica predominante, possibilitou uma formação de uma intensa cultura de trocas e intercâmbios, que faziam da civilização muçulmana uma sociedade em constante movimento.

Nos relatos de Ibn Battuta, encontramos diversas referências sobre esses aspectos. As viagens desse andarilho pelo norte da África são pontuadas por diversas cidades, que ao longo da narrativa vão sendo descritas com uma grande riqueza de detalhes, permitindo-nos ter uma idéia da importância urbana nessa

---

<sup>2</sup> Cidade do norte do Marrocos.

<sup>3</sup> O rajab é o sétimo mês do ano muçulmano, a data corresponde a 14 de junho de 1325.

<sup>4</sup> Denominação para a cidade de Meca.

<sup>5</sup> Como era designado o profeta Maomé.

<sup>6</sup> Tradução nossa.

sociedade, mesmo se tratando de uma região geograficamente distante da região originária dessa cultura.

Marrakesh<sup>7</sup> é uma das cidades mais bonitas, extensa, vasta e bem dotada de todo o gênero de produtos. Ali há mesquitas grandiosas [...], como a conhecida por Kutubiyyín<sup>8</sup> [...], que possui um colossal minarete, no qual subi, mostrando-se-me a vista da totalidade da povoação [...] sendo comparável somente a Bagdá, embora esta disponha de melhores zocos<sup>9</sup>. Em Marrakesh se encontra a maravilhosa Madraça<sup>10</sup>, que se distingue por sua boa localização e execução perfeita, edificada por nosso senhor, o Príncipe dos Crentes, Abú el Hassan<sup>11</sup>. (BATTUTA, 1987, p. 833)<sup>12</sup>.

Ao mesmo tempo, o viajante nos traz, ao longo de seu relato, o testemunho das atividades comerciais desenvolvidas nas diferentes localidades que visitou, mostrando a importância e a versatilidade do comércio enquanto atividade econômica predominante. Os relatos de nosso protagonista permitem-nos, ainda, ter uma razoável idéia acerca dos produtos comercializados, o que nos remete para uma idéia dos artigos responsável pela movimentação da economia local, bem como permite imaginar as formas de trocas e intercâmbios encontradas por aquelas sociedades. Nesse sentido, o texto nos traz uma informação importante acerca de produtos que por vezes desempenhavam o papel de medida, ou mesmo de moeda, nessas transações comerciais, destacando-se aí o sal, produto largamente utilizado em algumas regiões como moeda de troca, sendo muito valorizado, assim como o ouro. Entre outros artigos que parecem ter tido importância nessa região encontramos os temperos e as especiarias.

## **UMA SOCIEDADE HETEROGÊNEA E DIVERSIFICADA**

A sociedade muçulmana medieval fora constituída por uma quantidade de culturas e etnias bastante diversa. De fato, em seu auge o Império Muçulmano atingiu grandes extensões territoriais, indo do sul da Europa a regiões remotas da Ásia, e assim congregando uma diversificada gama de contribuições que se somaram para a construção da própria sociedade. No extenso território sob sua

---

<sup>7</sup> Cidade do sudoeste do atual Marrocos, que Ibn Battuta cruzou a caminho do Mali.

<sup>8</sup> Trata-se da maior mesquita e um dos monumentos mais representativos da cidade de Marrakesh, que ainda hoje possui seu imponente minarete (torre), com 77 metros de altura.

<sup>9</sup> Denominação dada aos mercados tradicionais dos países árabes, em especial aqueles que são realizados ao ar livre.

<sup>10</sup> A Madraça de Ben Youssef é uma tradicional escola islâmica desta região, fundada no século XIV pelo sultão Abú el Hassan, e ainda em atividade.

<sup>11</sup> Rei do Marrocos da dinastia merínida, governou entre os anos de 1331 e 1348.

<sup>12</sup> Tradução nossa.

influência, o Islã travou contato com diferentes realidades sociais, desde tribos nômades a civilizações milenares, e essa diversidade foi sem dúvida um elemento crucial na constituição da vitalidade e do dinamismo cultural muçulmano.

Esse é um aspecto também presente no texto de Ibn Battuta, que embora descreva uma região específica dentro do Império, consegue já aí demonstrar a força destas diferenças culturais, especialmente quando confrontamos a visão do autor sobre essa sociedade com seus próprios valores e costumes. De fato, o texto nos mostra que, mesmo dentro de uma sociedade que compartilhava de uma mesma crença, as comunidades locais parecem ter conservado muito de seus aspectos particulares, gerando um contraste interessante. Isso fica claro, sobretudo, ao compararmos a descrição dos costumes locais realizada pelo autor com suas próprias concepções, frutos de uma formação tradicional e ortodoxa dentro da cultura islâmica, o que acaba gerando, inevitavelmente, um choque cultural e até mesmo uma certa estranheza, conforme são testemunhas as palavras que este viajante nos deixou.

Assombra a condição desta etnia por seus raros costumes. Os homens não tem zelo por suas mulheres, nem tomam o nome de seu pai, mas sim o do tio materno. A herança recai sobre os sobrinhos [filhos da irmã], e não sobre os próprios filhos, coisa que jamais vi no mundo [...]. Ainda assim, os Massufis<sup>13</sup> são muçulmanos, cuidadosos em praticar suas orações, aprender a lei religiosa e estudar o Corão, mas suas mulheres não tem nenhum pudor diante dos homens [...]. Ali as mulheres têm amigos e companheiros estranhos, e do mesmo modo os varões mantêm amizade com mulheres estranhas à família, assim, por exemplo, um homem entra em sua casa e encontra sua esposa na companhia de um amigo, e não desaprova tal conduta. (BATTUTA, 1987, p. 821)<sup>14</sup>.

Em sua visita ao território Mali, Ibn Battuta destaca, entre outros aspectos, as relações entre homens e mulheres, aspecto que claramente lhe causou grande estranheza. Em uma sociedade fortemente patriarcal, onde as relações de gênero eram marcadas por fortes preconceitos (em alguns casos, até hoje), causou impacto em nosso viajante o fato daquele povo conservar hábitos que permitia que essas relações ocorressem de forma mais livre, sem que isso gerasse preconceitos ou mal-entendidos. Isso claramente afeta nosso autor que chega, em determinado momento, a se negar a voltar à casa de um homem onde presenciou esse tipo de acontecimento.

---

<sup>13</sup> Trata-se das tribos tuaregues, que o viajante encontrou na localidade de Ualata (Iwalatan), importante entreposto de caravanas situado ao sul da atual Mauritânia, na fronteira com o Mali.

<sup>14</sup> Tradução nossa.

Outro aspecto que parecia causar estranheza em nosso viajante em sua passagem pelo império Mali era a forma como este povo recebia seus visitantes, estrangeiros de uma forma geral, mas brancos em particular. Parece que a questão étnica exercia influência importante nas relações sociais naquele território, e as formas de tratamento, bem como a hospitalidade diferenciada e discreta daquele povo causou certo mal estar em nosso protagonista, que classificou estes costumes de “maus hábitos”, como registram seus relatos.

## **HÁBITOS, COSTUMES E PAISAGENS**

Entre as diversas contribuições oferecidas por relatos como o de Ibn Battuta, talvez uma das mais importantes seja a oportunidade de pensar hábitos, costumes e também paisagens de uma sociedade através de um olhar pertencente aquele mundo. Neste sentido, o relato estudado é valioso, pois descreve de maneira diversificada esses aspectos e nos dá uma idéia da relação existente entre eles.

A região visitada por nosso viajante, o norte da África, constitui-se em um espaço geográfico de propriedades singulares, permeado por paisagens diversificadas e exuberantes e clima característico. O texto, além de proporcionar uma descrição rica e detalhada destas paisagens, nos permite perceber a influência que estas exerciam sobre a organização das sociedades locais, seus costumes e suas necessidades.

Um dos aspectos a que o texto nos remete, neste sentido, trata das formas de deslocamento e transportes utilizados por estes viajantes, que para além das poucas possibilidades tecnológicas oferecidas então, estavam definitivamente condicionadas pelas condições climáticas e ambientais dos espaços percorridos – entre os principais meios de transporte estavam a tração animal, principalmente a utilização de camelos, e barcos quando era possível a navegação – principalmente no rio Níger. Nesse sentido, destacam-se as caravanas, agrupamentos de viajantes que percorriam grandes distâncias e que possibilitavam o cumprimento dessas jornadas, oferecendo condições particularmente vantajosas em termos de segurança, rapidez e economia.

Adquiri camelos, os quais alimentei bem durante quatro meses, e logo me pus a viajar no princípio do mês do Senhor de Muharram, do ano 53<sup>15</sup>, em uma caravana enviada por Abú Mohammed Yandakan al Massufi - que Deus lhe

---

<sup>15</sup> Mês de Muharram, primeiro mês do ano muçulmano, do ano 753 da Hégira, correspondente a fevereiro de 1352.

tenha piedade - e na qual viajavam muitos mercadores de Siyilmāsa<sup>16</sup> e de outros lugares. Depois de vinte e cinco dias, chegamos a Tagāzá<sup>17</sup>, uma aldeia sem cultivos e cuja singularidade consiste em que suas casas e mesquita foram edificadas com pedras de sal gema, enquanto seus tetos são couros de camelo. O solo é arenoso, sem árvores. Há ali uma mina de sal, onde se encontram, escavando enormes placas de sal superpostas, como se tivessem sido lavradas e logo amontoadas sob a terra. Um camelo consegue carregar apenas duas destas placas. (BATTUTA, 1987, p. 817)<sup>18</sup>.

Estas caravanas, geralmente formadas por grandes agrupamentos de mercadores e viajantes, constituíam-se em uma ferramenta fundamental para possibilitar grandes deslocamentos através de paisagens hostis, como os desertos existentes na região descrita por nosso viajante. Nestes casos, elas tornavam-se uma forma de se precaver contra perigos como ataques de grupos nômades, animais, “gênios” do deserto, perecimento pelas condições climáticas – calor, falta d’água – e até mesmo contra o risco do viajante se perder de seu percurso.

Outro aspecto cultural interessante que encontramos descrito no texto refere-se às condições de estadia e hospedagem desses viajantes, que freqüentemente ocorriam por conta de particulares, pessoas que acolhiam estes viajantes em suas residências, freqüentemente indivíduos que não se conheciam pessoalmente, e que poderiam vir a encontrar este tipo de acolhida a partir da indicação de terceiros – aspecto em que nosso viajante parece ter sido bastante beneficiado por uma extensa rede de contatos construída a partir de suas diversas viagens.

A prática de trocar presentes também aparece nos relatos de nosso personagem, aparentemente uma forma de demonstração de apreço, cortesia e civilidade. Parece ter sido uma forma importante de estabelecer vínculos, em uma civilização onde as relações sociais parecem ter sido marcadas por constantes intercâmbios e trocas. Podemos ainda encontrar a reconstituição de outros elementos culturais no texto, entre eles a descrição de cerimônias civis e religiosas, festas, a descrição das formas de autoridade local, as diferenças étnicas, costumes, a presença do trabalho escravo, entre outros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

<sup>16</sup> Antiga cidade com grande importância comercial situada no que é atualmente o sudeste de Marrocos.

<sup>17</sup> Centro de extração de sal atualmente abandonado, situado num lago seco na região norte do Mali.

<sup>18</sup> Tradução nossa.

Nossos estudos permitiram-nos apreender um pouco da diversidade que constituía a civilização muçulmana, muito do qual chegou até nós na forma de uma rica herança cultural, repassada através de diferentes ferramentas, das quais a palavra escrita foi um meio privilegiado.

O texto analisado constitui-se numa ferramenta de grande valor histórico por nos permitir ter uma visão de vários dos aspectos histórico-culturais constituintes dessa sociedade de uma forma peculiar: inseridos nos relatos de um personagem próprio desta civilização, que a descreve com uma riqueza de detalhes e uma significativa preocupação em transmitir aspectos de seu cotidiano, de seus costumes e realidades, possibilitando assim a construção de uma nova forma de ver essa civilização.

Essas impressões nos levam a conclusão da importância que podem desempenhar as diversas fontes históricas com que nos deparamos em nossa atividade, desde que saibamos encará-las sempre com uma visão crítica e capaz de extrair o melhor desta, aproveitando as diferentes oportunidades que elas nos oferecem. Mais do que um documento histórico ou um texto literário, os relatos de viajantes e outros documentos semelhantes são importantes testemunhos que podem auxiliar na reconstituição de nosso passado e na compreensão de nossa sociedade.

## **REFERÊNCIAS:**

### **Livros, artigos e trabalhos consultados**

ALMEIDA, Maria Cândida. Palavras em viagens: um estudo dos relatos de viagem medievais muçulmanos e cristãos. *Afro-Ásia*. Bahia, v. 32, 2005. Pp. 83-114. Disponível em: <[http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia32\\_pp83\\_114\\_ViagensIsla.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia32_pp83_114_ViagensIsla.pdf)>. Acesso em: 11/03/2016.

BISSIO, Beatriz. A viagem no medievo Islâmico: o exemplo de Ibn Battuta. In: MACEDO, José Rivair. *Desvendando a História da África*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2008.

FERRARI, Fernando Ponzi. Análise comparativa do papel do protagonista em hagiografias e relatos de viagem (séculos XII – XIV). *Aedos*. Porto Alegre, v.3, n. 9, 2011. Pp. 16-22.

FRANÇA, Susani. O além nos confins das terras do oriente. *Oracula*. São Paulo, 12, 286-297. 2011. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/201101/18-franca.pdf>>. Acesso em 11/03/2016.

\_\_\_\_\_. *Os reinos dos cronistas medievais* (século XV). São Paulo: Annablume, 2006.

GONÇALVES, Rafael Afonso. *A noção de Contemptus Mundi e as viagens nos séculos XII e XIII*. In: Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. São Paulo: ANPUH/SP, 2010. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Rafael%20Afonso%20Gon%20E7alves.pdf>>. Acesso em 07/02/2017.

HENRIQUE, Heitor. *Sobre as viagens medievais*. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/HlicMo>>. Acesso em: 07/02/2017.

LOPES, Paulo. Os livros de viagens medievais. *Revista Medievalista On Line*. n. 2. Lisboa: 2006. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/medievalista2/medievalista-viagens.htm>>. Acesso em 11/03/2016.

MACEDO, José Rivair (org.). *Os viajantes medievais da Rota da Seda (séculos V-XV)*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2011.

\_\_\_\_\_. Os caminhos da Rota da Seda e os relatos de viajantes medievais. In: \_\_\_\_\_. *Os viajantes medievais da Rota da Seda (séculos V-XV)*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Pp. 9-28.

PALAZZO, Carmen Licia. A Rota da Seda, caminho de mercadores e peregrinos. In: MACEDO, José Rivair. *Os viajantes medievais da Rota da Seda (séculos V-XV)*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V. II. São Paulo: EDUSC, 2002. Pp. 353-366.

ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo: representación del espacio en la Edad Media*. Madri: Catedra, 1993.

#### **Fonte Publicada**

IBN BATTUTA. *A través del Islam*. Editorial Alianza, 1987.